

Carta Pastoral XXVIII Reunião do Concílio da Diocese Anglicana de Pelotas

30.04.10-2.05.10

Em Cristo Somos nova Criatura

“Eis que uma nova realidade apareceu. Tudo isso vem de Deus...” (II Cor 5.18-19)

Queridos delegados clericais leigos á esta XXVIII Reunião Conciliar.

Meus queridos irmãos e irmãs em Cristo!

Introdução

Com a graça de Deus nos reunimos nesta Catedral para mais reunião conciliar. Um momento especial e muito rico na vida diocesana. Necessário, sem dúvida. Faz parte do nosso ministério. Faz parte da responsabilidade e compromisso de clérigos e leigos. Há quem não goste. Sempre há. Aqueles que tem reservas. Mas se é necessário que nos encontremos para tratar de temas áridos e às vezes até difícil de “engolir”, esforcemo-nos, então, para transformá-los num oásis, em algo mais temperado, e assim, quem sabe, torná-los agradáveis e gostosos. Isso significa que devemos olhar o concílio com outros olhos. Destacar o que há de bom e interessante. E com certeza coisas boas e interessantes acontecem aqui. E as que não são tão boas e interessantes podem e devem se tornar motivo de avaliação e crescimento.

Vamos partir do princípio que o Concílio é uma reunião necessária e interessante.

Primeiro porque oportuniza a uma porção, quero dizer, representação da Diocese, de se encontrar para adoração, propósito maior de ser da Igreja. Além disso, possibilita um tempo de convivência fraterna, com momentos de formação e partilha. E por fim nos ajuda a tomar ciência da realidade administrativa diocesana, com a possibilidade de interferir positivamente nesta administração, suscitando propostas, emendando outras, aprovando algumas, rejeitando outra série delas. E assim vamos tomando consciência de que a Diocese somos nós todos, onde de uma maneira ou de outra participamos, contribuímos, cooperamos. Para que se tenha o mínimo de organização e planejamento elegemos o bispo, recomendamos a ordenação de clérigos e clérigas, escolhemos pessoas idôneas a capazes para a Junta Paroquial e Conselho Paroquial e inclusive elegemos pessoas para participar da reunião conciliar na condição de delegadas, isto é, representantes da Paróquia ou Missão. Aprovamos a indicação de comissões, secretarias, pastorais, enfim, o mínimo de estrutura necessária.

Deve, portanto, estar claro para nós que quando, por um motivo ou outro nos omitimos, não temos o direito de criticar ou reclamar. Precisamos compreender melhor a importância do nosso pertencimento à comunidade da fé. Deixar de lado a visão por vezes comum de assistente de culto e assumir o compromisso de participante da vida da Igreja. Estar sempre pronto a fazer a nossa parte, por pequena e insignificante que possa parecer. Aos olhos de Deus tudo o que fazemos com boa vontade, dedicação e amor ganha significado e importância. Afinal, somos seus filhos e filhas. E isso por si só já é importante, significativo. As Santas Escrituras deixam claro que em Cristo somos nova criatura. Somos igualmente cooperadores de Deus na sua missão. A Igreja da qual fazemos parte por opção, também é de Deus. Com essa compreensão podemos discernir que a Igreja não é mera instituição, empresa, ONG, clube ou partido político. É

o povo de Deus que caminha em busca de libertação. Como diz a canção: “Se caminhar é preciso, caminhemos unidos em busca de uma Igreja Solidária.”

É preciso mudar

O que fizemos até aqui, feito está. Não tem como desfazer. Os relatórios que recebemos e cuidadosamente lemos, porque nos foram entregues antecipadamente, tem o propósito de informar o esforço que algumas pessoas fizeram num espaço de tempo, buscando desempenhar atribuições que lhe foram solicitadas. Infelizmente os relatos não são precisos. Os dados são distorcidos. Algumas comissões tiveram dificuldade de se reunir. Alguém, lendo os relatórios, afirmou que “apresentam desculpas padrão”. O relatório do bispo também é impreciso. Apresenta lacunas. E estão ali propositadamente. Isso revela que precisamos mudar. Ser mais ágeis. Aproveitar mais adequadamente a tecnologia a nosso dispor. E interagir. Outra coisa. Gastamos muito papel. E o uso indiscriminado de papel não é ecologicamente correto. Nossos relatórios podem ser feitos via computador, por exemplo. Nossos registros de igual modo. Muito mais rápido e preciso, sem dúvida. Sem esquecer os livros de registro. É claro. A maioria tem computador ou pode acessar um. Então, convém que entremos na era moderna. O mundo vive na pós-modernidade, é bom lembrar disso.

Segundo o relatório do estatístico, os dados registram crescimento para baixo. Isso aparece no total de membros. Nota-se também no número de celebrações eucarísticas nos domingos e outros dias. Nas orações Matutina e Vespertina. Na frequência às celebrações. No número de comungantes. Escola Dominical e professores igualmente decresceram. Acólitos, Ministros Leigos, Grupos de Liturgia apresentam redução. São números colocados para nossa reflexão. O estatístico tenta explicar esse fenômeno decrescente. “Encontramos erros que são visualizados com muita facilidade”, detecta. E de pronto faz uma recomendação, que deve ser considerada pelos conciliares: “Entendemos que nossa Diocese deva determinar um estudo e a implantação de um sistema de informações completo... controle financeiro com relatórios mensais e anuais, ficha cadastral dos membros e familiares e de todos os segmentos da Diocese”. Essa é a contribuição do estatístico que lida com números que lhe chegam às mãos via relatórios das paróquias e missões. Além do estatístico, quase nada se vê de recomendação pertinente nos demais relatórios, salvo alguma exceção, se não estou engando.

Detectando possíveis falhas

Uma conclusão apressada pode dar a entender que estamos sendo pouco zelosos no trabalho pastoral e até mesmo administrativo. Até pode ser. Mas não queremos acreditar que seja assim. Imaginamos que o clero tem dado testemunho do seu esforço e dedicação. Os leigos também. É possível que não o suficiente ou quem sabe de maneira, correta ou “eficiente”, para usar a linguagem do mercado. O que se vê claramente pelos dados auferidos é que rezamos pouco e poucos rezam. Quer dizer caiu o número de celebrações e conseqüentemente a participação nestas celebrações. Isso é um dado irrefutável. Sem dúvida dedicamos menos tempo para algo imprescindível: adoração, educação cristã, estudos bíblicos, capacitação do povo de Deus. Isso parece verdade. Esse fenômeno decrescente precisa ser revertido sem demora. Queremos crer que há paróquias trabalhando na intenção de fortalecer a vida comunitária, enfatizando a educação cristã. Aliás a Secretaria de Educação Cristã aponta em seu relatório o descuido das lideranças paroquiais quanto a este item. É preciso mudar, então. Ter mais seriedade, quem sabe. O relatório do CETEPEL procura iluminar na mesma direção. As lideranças pastorais e paroquiais, os Ministros Leigos, por exemplo, precisam ser

motivados ou se sentirem motivados a participar regularmente de um tempo de capacitação oferecido pelo Centro de Estudos Teológicos. Seria bom refletir sobre isso. Sobre a necessidade de algo assim. Os párocos, são os que indicam os Ministros. Tem a incumbência de motivar, encorajar, prover melhor formação. Está previsto um encontro diocesano de Ministros Leigos no mês de Julho, com a presença do Rev. Humberto Maiztegui, professor do SETEK (Seminário de Estudos Teológicos Egmont Krischke), de Porto Alegre. Precisamos melhorar nossa capacitação teológica. Nosso conhecimento sobre história da Igreja, liturgia, está defasado. Isso se reflete na forma como cantamos e o que cantamos. Nosso hinário nem sempre é substituído por uma hinologia que seja igual ou melhor. O Livro de Oração Comum tem seu valor. Deve, sim, ser usado adequadamente. E ser sempre o padrão para outras liturgias por ventura adotadas, que precisam de autorização, para que não se utilize algo que fuja do nosso jeito de ser. Que empobreça em vez de enriquecer. Que cause debilidade em vez de nutrir.

Desafios e sonhos

A Igreja diocesana precisa se sentir desafiada a mudar, crescer, nutrir, acolher, partilhar. Precisa fortalecer sua espiritualidade. Dar atenção maior à adoração. Ter um amor maior às Santas Escrituras. Buscar servir com espírito alegre e dedicação renovada. Testemunhar a fé com ardor. Uma fé encarnada. Madura. Apresentar uma Igreja acolhedora. Engajada na comunidade. Consciente da transformação de estruturas injustas. Precisa ser solidária, ecumênica e segundo os dados disponíveis, mais comprometida pastoralmente. Aprendemos que “Deus ama as pessoas, e sua Igreja deve igualmente expressar esse amor... O cuidado pastoral da Igreja para com todos é da responsabilidade de cada membro da Igreja. Todos os membros também recebem o cuidado pastoral da Igreja”. Não é uma tarefa exclusiva do clero. Embora sua parcela de comprometimento seja maior, mas não exclusiva. O ministério é de todos os cristãos, de todos os batizados, e não dos ordenados ou comissionados exclusivamente. “De alguma forma há sempre um pastor e uma ovelha em cada um de nós.” Portanto devemos nos sentir desafiados, chamados a cumprir nossa tarefa de adorar e servir. Ser verdadeiramente “Anglicanos em Missão”.

Que desafios temos pela frente? Examinando atentamente o relatório do estatístico e buscando ver confiabilidade nos números apresentados entendemos que precisamos nos engajar mais. Ter mais entusiasmo, ser mais vibrantes, missionários. Ter melhor cuidado pastoral do nosso povo. Valorizar momentos de adoração. Ser criativos. Ir ao encontro das pessoas. Buscar qualidade e quantidade também. Como justificar bancos vazios? Como fechar a falta de motivação para contribuir regularmente? Precisamos investir e renovar a educação cristã. Ter orientadores capacitados. Material didático disponível. Aliás, a Diocese tem material disponível de boa qualidade. Não cabe aqui a desculpa padrão. É preciso, quem sabe, espaço bem organizado, bonito, atraente. E lembrar também que a educação cristã é um processo contínuo e envolvente: pais, filhos, professores, UMEAB, Juntas e Conselhos Paroquiais - a Igreja toda.

É bom sonhar com a Igreja do futuro. Uma Igreja com a participação de todos nós. Deus quer a nossa participação. Com certeza se entristece com a nossa omissão e passividade. Falta de entusiasmo e ardor missionário. Vamos fazer valer o lema deste concílio: Em Cristo somos nova Criatura. “Eis que uma nova realidade apareceu. Tudo isso vem de Deus.” Proclamemos, então, a nova do Evangelho. Amém.